

BEATRIZ DA PAIXÃO FREITAS

CONTADORES DE HISTÓRIAS COMO VALORIZAÇÃO DE ATRATIVOS  
TURÍSTICOS DE PONTA GROSSA

PONTA GROSSA

2015

CONTADORES DE HISTÓRIAS COMO VALORIZAÇÃO DE ATRATIVOS  
TURÍSTICOS DE PONTA GROSSA

BEATRIZ DA PAIXÃO FREITAS

CONTADORES DE HISTÓRIAS COMO VALORIZAÇÃO DE ATRATIVOS  
TURÍSTICOS DE PONTA GROSSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o  
Departamento de Turismo, Setor de Ciências Sociais  
Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Graziela Scalise Horodyski

PONTA GROSSA

2015

## DEDICATÓRIA

Agradeço a Virginia Cândido por sua importante colaboração neste trabalho. A minha mãe, Marta Paixão, que foi responsável pelo início da minha caminhada na vida acadêmica. Ao meu companheiro, Carlos Alexandre de Andrade, que aguentou meus choros, minhas noites sem dormir e me incentivou até o final deste trabalho.

A cultura popular precisa ser estudada, porque o objetivo de todos os governos é dar ao povo melhores condições de vida. O folclore fertiliza o sentimento cívico, dirige a instrução, oferece perspectivas ao pensamento criador, à sua emoção, ensina com o exemplo das lendas, tradições e fábulas. Liga com firmeza o passado ao presente, estimula o cultivo das artes e das ciências, é um incentivo permanente e patriótico, por isso tem um objetivo didático na consciência popular e um significado especial na cultura geral.

Nilza B. Megale

## RESUMO

O contador de histórias pode contribuir para o turismo como forma de divulgação e de valorização de um determinado local, contribuindo para isso com suas histórias que irão ser transmitidas oralmente. Este trabalho tem por objetivo analisar os contadores de histórias como auxiliares dos atrativos de Ponta Grossa através de seus causos e lendas locais. Para tanto, houve o levantamento bibliográfico através de livros e artigos que proporcionaram a base do trabalho. Fez-se uso de exemplos de casos que descrevem a parceria e a complementação da atividade de *contação* de histórias com o turismo, possibilitando maior valorização local através da tradição oral. Como auxílio, houve também, a entrevista com a guia de turismo Virginia Cândido, utilizadora do método de contar histórias em atrativos locais em Belo Horizonte (MG). O resultado deste presente trabalho foi a realização do levantamento teórico de lendas e causos da cidade de Ponta Grossa (PR) e duas propostas que podem ser utilizadas nesta cidade e nos seus atrativos turísticos.

Palavra-chave: Turismo cultural. Contadores de histórias. Patrimônio.

## ABSTRACT

The storyteller can be used through tourism as a means of dissemination and exploitation of a particular place, contributing to it with their stories that will be transmitted orally. This work aims to analyze the storytellers as helpers of the attractions of Ponta Grossa through their stories and local legends. For this purpose, the literature through books and articles that provided the basis for the work. There was use of case examples that describe the partnership and completion of storytelling activity stories with tourism, allowing greater local appreciation through oral tradition. As aid, there is also the interview with Virginia Cândido tour guide, user of the method of storytelling in attractive locations in Belo Horizonte (MG). The result of this work was the realization of the theoretical survey of legends and stories of the city of Ponta Grossa (PR) and two proposals that can be used in the city and its tourist attractions.

**Keywords:** Cultural Tourism. Storytellers. Heritage.

## **Lista de Quadros**

QUADRO 1 – Lendas e Causos de Ponta Grossa .....	21
QUADRO 2 – Exemplos de contação de histórias como auxiliadora do turismo .....	30
QUADRO 3 – Programação de ensino para cada aula .....	34



## Lista de Figuras

FIGURA 1 – Bandeira de Ponta Grossa.....	17
FIGURA 2 – Brasão de Ponta Grossa.....	19
FIGURA 3 – Taça do Parque Estadual Vila Velha .....	26
FIGURA 4 – Mansão Vila Hilda .....	27
FIGURA 5 – Buraco do Padre .....	27

## Sumário

Introdução .....	1
1 – Conceito e abrangência das lendas e causos .....	3
1.1- Cultura.....	4
1.2- Folclore .....	5
1.3- Lendas .....	7
1.4- Causos.....	9
1.5- Papel dos contadores de história.....	9
1.6- Contadores profissionais .....	11
1.7- Patrimônio.....	12
1.8- Turismo Cultural.....	14
2 – As lendas e contadores de histórias em Ponta Grossa .....	16
2.1- Aspectos culturais e histórias .....	16
2.2- Lendas e causos.....	21
3 – O uso das lendas e dos contadores como atrativos turísticos no Brasil – casos .....	28
3.1- Interpretação patrimonial através da contação de histórias .....	29
3.2- Principais casos .....	30
4 – Propostas de uso de lendas e do contador como atração turística do destino de Ponta Grossa .....	33
5 – Considerações finais .....	35
6 - Referências: .....	37
7 – Apêndice .....	45

## Introdução

A *contação* de histórias está relacionada como facilitador de informações das memórias e tradições através da oralidade, possibilitando aos visitantes informações distintas com possibilidades de um olhar valorizador pelo lugar em que irão percorrer. Através do turismo o visitante poderá compreender melhor os costumes da região visitada (MONICA, 2001).

A partir destas considerações, o problema de pesquisa proposto é como os contadores de histórias podem contribuir para divulgar os atrativos turísticos locais.

Este estudo tem como objetivo geral analisar os contadores de histórias como auxiliares dos atrativos de Ponta Grossa através de seus causos e lendas locais.

Os objetivos específicos se darão em descrever as lendas e causos da cidade de Ponta Grossa; elaborar propostas para a contribuição da *contação* de histórias em favor do turismo; descrever exemplos de casos realizados em prática dessa parceria *contação*/turismo.

A metodologia realizada foi através de levantamento bibliográfico de artigos e livros, estudo de dezoito exemplos de casos em que a *contação* de histórias é agregada com o desenvolvimento turístico. Estes exemplos são de diversos lugares do Brasil e outros dois países, Argentina e Irlanda. Houve a realização de uma entrevista com Virginia Cândido (MG) feita através de um questionário respondido por e-mail. As perguntas foram relacionadas em torno de sua experiência nesse processo de comprometimento e utilização da *contação* de histórias como uma forma de transmitir informações de modo mais abrangente e lúdico, enquanto guia os visitantes. As referências bibliográficas para o trabalho têm como base o livro *Ponta Grossa: edição histórica* de onde foram retirados a maioria dos causos e lendas. Ainda, como auxílio, os autores Luís da Câmara Cascudo, Laura Della Monica e Maria Betty Coelho Silva foram os primeiros autores a serem utilizados para o início deste trabalho. Os demais casos recolhidos e citados foram retirados de sites e revistas eletrônicas, citando exemplos em que há a utilização dos contadores no turismo do Brasil e do mundo.

Também houve o uso do site da Prefeitura de Ponta Grossa onde foram retirados dados informativos para este trabalho, como também algumas lendas e causos.

Este contador de histórias contemporâneo pode auxiliar no turismo como forma de transmissor das memórias e tradições das regiões. Ele tem a capacidade de transmitir essas histórias prendendo o visitante com a variação da sua voz. Assim, o visitante dos atrativos tem a possibilidade de ter informações diferenciadas do mesmo local através das histórias.

O turismo tem a possibilidade de agregar o contador de histórias, fazendo dele um auxílio para promoção e valorização de atrativos turísticos. A profissão de contador de histórias não é reconhecida pela legislação, apesar de seu trabalho estar ativo no mercado cultural. Mesmo ainda não havendo uma legislação profissionalizante, há contadores de histórias que vivem economicamente desta profissão.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo é apresentada a relação dos conceitos de lendas e causos, perante a classificação a partir do conceito de cultura e seu desmembramento. O segundo apresenta o levantamento da história de Ponta Grossa, seus símbolos culturais, lendas e causos. O terceiro capítulo, refere-se à contribuição que os contadores de histórias podem oferecer ao turismo e cita locais em que utilizam a *contação* de história como atividade complementar dentro do atrativo. No quarto, estabelece propostas em atrativos turísticos na cidade de Ponta Grossa com a colaboração de contadores de histórias.

## **1 – Conceito e abrangência das lendas e causos**

Se houver a necessidade de conservar a memória de um povo pode existir a possibilidade do turismo como auxiliador da preservação cultural, fazendo desta conservação um produto turístico (BATISTA, 2005). Este produto auxilia o povo não somente na preservação da sua cultura, mas como também na economia local.

Segundo Cascudo (1978), a literatura oral é sustentada pela tradição. Entendendo-se por tradição a transmissão do conhecimento popular transmitida oralmente, conservada na memória ou na escrita. “A tradição é vista na cultura de uma civilização oral não apenas como um meio de comunicação, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais.” (SILVA, 2009, p.3). Sendo a tradição composta pela narrativa passada por gerações abrangendo mitos e lendas, contendo os elementos da lembrança coletiva na recordação de um passado comum.

As lendas são uma forma de transmitir informações de origens e conceitos sobre elementos questionados na sociedade. Misturam fatos reais com ficção, elegendo e colocando questões e valores da comunidade em histórias contadas oralmente (MEGALE, 1999). Enquanto os causos são vivências individuais de pessoas de um grupo que tomam a experiência do outro como verdade (PONTES, 2006).

Através das lendas e causos com a ação de transmitir oralmente as histórias, elas podem acrescentar significado a um determinado lugar, divulgando as memórias e valores da comunidade. Possibilitando a utilização do lúdico como forma de conhecimento sobre a cultura e a possibilidade de olhar de uma forma diferente ao local. O uso do contador de histórias possibilita a transmissão da informação interagindo diretamente com o público.

Na visão de Pontes (2006), os contadores de histórias, que têm como profissão a transmissão de contar histórias, veem as histórias como resgate da cultura oral que antes era passada de geração a geração e hoje está ficando em esquecimento.

Com a necessidade da preservação das histórias de um povo, o contador pode contribuir através da transmissão oral, fazendo estas histórias serem passadas

para mais pessoas e assim dando continuidade a memória coletiva. A partir do conceito de cultura podemos verificar que as memórias transmitidas oralmente fazem parte da cultura de um povo.

### **1.1- Cultura**

A cultura é a forma de pensar, sentir, agir e reagir do homem de uma sociedade em relação com seus semelhantes (PEREIRA, 1986). Segundo Geertz (1989), a cultura não é um poder, algo ao qual pode ser atribuído casualmente aos acontecimentos sociais, aos comportamentos, às instituições ou aos processos. Ela é um contexto, algo dentro do qual ela pode ser descrita de forma intangível.

“Cultura é uma questão de atitude mental coletiva. As ideias, os valores, a cosmologia, a estética e os princípios morais são expressados por meio de símbolos. Dessa forma, cultura pode ser descrita como um sistema simbólico.” (KUPER, 1999, p.288).

De acordo com Satriani (1986, p.41),

Cultura, portanto, não é outra coisa se não o complexo dos modos de vida, dos usos e costumes, das estruturas e organizações familiares e sociais, das crenças do espírito, dos conhecimentos e das concepções dos valores que se encontram cada agregado social: em palavras mais simples e mais breves, toda a atividade do homem entendido como ser dotado de razão.

A cultura é o resultado do aprendizado e permite ao homem se adaptar ao seu meio social (PEREIRA, 1986). Há diversas formas de manifestações de cultura: religião, comidas, bebidas, artesanato, agricultura, música, transporte, entre outros. Todas as sociedades representam uma cultura e é através de seus valores e bases que o indivíduo faz sua convivência.

Isso permite que cada cultura se constitua num sistema próprio de valores incorporado ao complexo de um conjunto de hábitos que passaram a fazer parte integrante do costume da comunidade (SATRIANI, 1986). Assim, estabelecendo um padrão a ser seguido pelos indivíduos pertencentes à comunidade, e este como indivíduo tem o poder de decidir se querem seguir ou não os hábitos.

Há um relativismo que é acompanhado nas observações não apenas dos costumes, mas também dos valores que culturalmente são variáveis. Não há um padrão válido, de forma, que é complicado ter alguma referência para julgar as

demais culturas (KUPER, 1999). O problema é que a cultura é uma conduta padronizada ou estado de mente, ou mesmo as duas coisas juntas, de alguma forma que perde o sentido (GEERTZ, 1989).

O que chamamos de nossas memórias ou histórias é a construção de outras pessoas que são nossos antepassados (GEERTZ, 1989). De forma que, através do conhecimento sobre o passado, se toma como posse a história que representa o grupo que está inserido.

Segundo Pereira (1986), a sociedade letrada se manifesta em três modalidades que são a erudita, espontânea e cultura de massa. A erudita é transmitida pelas organizações intelectuais, a espontânea que é aprendida na convivência e a popularesca que chamamos é a cultura de massa produzida pelas grandes empresas para consumo. A cultura erudita é ensinada ao homem de fora para dentro; a espontânea nasce de dentro para fora; a de massa é imposta.

“A alta cultura oficial é questionada, e a cultura produzida pela massa condenada como falsa, ou como irremediavelmente corrompida, mas a cultura popular é tratada com simpatia.” (KUPER, 1999. p.291).

A cultura espontânea é o resultado do inconsciente, a imitação das atitudes das pessoas ao redor. Segundo Pereira (1986), todas as pessoas possuem cultura espontânea e esta cultura espontânea é um dos objetivos do folclore. Ou seja, o grupo tem uma determinada característica que tem aceitação coletiva.

O folclore é uma das vertentes da cultura sendo expostas manifestações espontâneas coletivas de um grupo com ideias e ações em comum, este que será definido a seguir.

## **1.2- Folclore**

No cotidiano existem manifestações espontâneas, aspectos que fazem parte do dia-a-dia e que não é necessário explicar o seu significado. Podemos citar como exemplo, quando acenamos para uma pessoa e ela retribui o aceno sem precisar explicar o ato. São atitudes que não se aprende na escola, por serem tradições que são feitas e mostradas no cotidiano, onde o indivíduo tem a opção de ser adepto a esta simbologia ou não.

As manifestações iniciais através de símbolos e linguagens se transformaram em algo que se tornou necessário o aprimoramento. O homem como observador começou a imitar as sequências do seu ancestral, onde nascia não só o orgulho profissional como também aprovação de um grupo (BARROS, 1977).

Folclore é uma palavra que tem origem no inglês antigo: “folk”, povo; “lore”, ciência, sabedoria. Foi instituída por William John Thoms em carta dirigida à revista *The Atheneum*, de Londres, e publicada a 22 de agosto de 1846. Com o pseudônimo de Ambrose Merdon, pedia apoio para um levantamento de dados sobre usos, tradições e lendas regionais da Inglaterra. O nome firmou-se entre os estudiosos de todo o mundo quando se fundou a Sociedade do Folclore, em Londres, em 1878, sob a presidência de William Thoms (PEREIRA, 1986).

O fenômeno folclórico é divulgado pelo homem no contato diário que mantém com seus semelhantes na prática da vida social. Seu *habitat* preferencial é constituído pelos agrupamentos humanos vivendo mais em função da cultura espontânea. Pode existir também entre aqueles que recebem orientação direta das citadas organizações intelectuais, pelos contatos que mantêm com representação dos mencionados agrupamentos, no período da infância ou da juventude. (MONICA, 2001. p.21).

O folclore se constituiu em um meio para o desenvolvimento das artes em geral não só como elemento de sugestão, mas, igualmente, do seu processamento. Muitas vezes, um elemento material de aplicação artística e com influência extraordinária sobre a cultura ou sobre determinados sucessos dos artistas plásticos tornou-se um fator de diferenciação e por isso o seu destaque perante outras formas de expressão (BARROS, 1977). Existem tradições folclóricas que não são atrativas turisticamente, tem um caráter significativo somente para o próprio grupo.

Segundo Monica (2001), o desenvolvimento e as modificações das manifestações populares no Brasil atingiram seu ponto alto quando as etnias passaram a ser notadas mais nitidamente. A preocupação pela interdisciplinaridade levou os folcloristas do passado a relacionarem as maneiras de pensar, agir e reagir das comunidades com a psicologia, a astronomia, a meteorologia, a sociologia, a física, a geografia, a medicina e, hoje, perante a evidência, com o turismo.

Com esta variedade de expressões, as regiões tornaram sua cultura única. Esta exclusividade determina algumas culturas mais fortes que outras. As expressões podem ser manifestadas através da comida, dança, trabalho, arte,



música, teatro, festas, brincadeiras, linguagem, literatura, religião, mitos, lendas, entre outros. A transmissão oral é uma forma de expressar valores e a cultura da região e através dela surgem às lendas que serão focadas no próximo tópico.

### 1.3- Lendas

Lendas são histórias contendo datas ou fatos reais com o imaginário popular determinando um valor a ser seguido. Estas histórias vão se tornando conhecidas e passadas principalmente através da transmissão oral, fixando na memória do ouvinte com as formas lúdicas.

Cascudo (2000) afirma que a lenda é muito confundida com o mito, a lenda se distancia do mito pela sua função e confronto. Ele cita exemplo que o mito é o duende, o objeto ao redor do qual a lenda se cria.

Não se sabe ao certo como nasceram e criaram as lendas. Elas acompanham fatos e acontecimentos comuns, ilustrada por cenários exóticos e de curta extensão. Muitas vezes são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados. Podendo ser muito confundida com os mitos. (LOSSIO, 2004, p.1).

A lenda transformada pela tradição é o produto inconsciente da imaginação popular. Dessa forma que o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo. Sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho (BAYARD, 1957, p.10).

É uma transcrição do pensamento e desejos do povo. Os temas simbolizam suas aspirações abolindo o real. De forma que as histórias são o subconsciente que criou uma forma de compensar os sentimentos de inferioridade, podendo dar exemplo um homem infeliz que se torna poderoso (BAYARD, 1957).

Segundo Cascudo (1978), as lendas tem um objetivo de passar uma mensagem através da forma de história com os fatos reais. Podendo dizer que em sua maioria a lenda é um traço religioso. Exigindo uma ação, um desenrolar, um plano lógico. Não há, quase, lendas inúteis e desinteressadas. Todos doaram alguma coisa, material ou abstrata.

O conto é uma narração maravilhosa baseada numa trama romanesca; os lugares não são determinados e os personagens não têm nenhuma precisão histórica. A lenda é um conto no qual a ação maravilhosa se localiza com exatidão; os personagens são precisos e definidos. As ações

se fundamentam em fatos históricos conhecidos e tudo parece se desenrolar de maneira positiva. Frequentemente a história é deformada pela imaginação popular. (BAYARD, 1957, p.9).

O autor Bayard (1957) cita que a transmissão oral foi muito importante. Pois, além dos mercadores, as guerras muito contribuíram para a divulgação dos contos. Essa divulgação deve-se às conquistas de Alexandre da Macedônia e ao período helênico (do fim do século IV ao século II antes da nossa era); depois as conquistas árabes (1º milênio da era cristã) e finalmente à época das cruzadas (do século X ao XII).

Segundo Cascudo (1978), os africanos têm 591 idiomas, impossibilitando calcular as riquezas da literatura oral negra. Tendo a África uma tendência para cantos e histórias com uma eloquência forte, eles ainda têm o prestígio de contadores de *estórias* e contadores populares. Toda África mantém seus escritores conhecidos como os *akpalô kpatita*, *ologbo*, *griotes*. De geração a geração, mudando de lábios, persiste a voz invocadora, ressuscitando o que não deve morrer no esquecimento.

Cascudo (2000) afirma que a lenda é um episódio heroico ou sentimental com elemento sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular. Está ligada a um local, ou a vida de um herói, sendo parte e não o todo bibliográfico. Ele cita que a lenda conserva as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade. Os processos de transmissão, circulação, convergência são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral.

Em Ponta Grossa - PR podemos destacar a lenda do Parque Estadual de Vila Velha. Uma lenda que foi reproduzida na literatura também. O autor George Schpatoff escreveu o livro *A Lenda de Vila Velha*.

Além das lendas há outras formas de transmissão oral de um grupo para expressar seus valores, pode-se dizer que o caso também é uma consequência das vivências deste grupo que vive experiências em comum.

#### **1.4- Causos**

Os causos são vivenciados ou ouvidos pelos contadores que são conhecedores das histórias da região. Eles transmitem aos ouvintes essas histórias que estão cheias de tradições, valores e que são próprios da localidade.

Segundo Batista (2007) a palavra *causo* aparece entre aspas ou grifada por ser uma forma de fala particular e não a forma correta. A autora cita que academicamente esta expressão não é usada. Mas mesmo sem ser ortograficamente correta ela é de fácil entendimento.

A tradição oral faz parte de um dos mais antigos costumes da humanidade. O *causo* reforça a tradição da ética e moral de uma comunidade e estimula a reflexão do ouvinte pelos atos que a personagem fez e as consequências que ela enfrentou (PONTES, 2006). “É consenso na região que o *causo* trata-se de um episódio vivenciado pelo próprio contador ou ouvido por este.” (HARTMANN, p.114, 2004). O *causo* nunca é isolado. O contador do *causo* viveu ou ouviu alguém que viveu a história que ele transmite. “Tais experiências, além de repassadas de geração a geração, através de *causos*, são também reelaboradas tanto por aqueles que as contam quanto por quem as escuta, mantendo assim, as tradições.” (PONTES, 2006, p.26).

O *causo* é uma das formas mais antigas de estabelecer os costumes, leis e ética de um grupo. Sendo os contadores de *causos* considerados homens sábios da comunidade, mantendo valores e tradições culturais (PONTES, 2006). Sendo assim, o objetivo dos *causos* é repassar lição moral e de vida para as gerações mais novas.

As lendas e *causos* são transmitidos em sua maioria oralmente, assim podemos viabilizar o uso do contador de histórias. A função do contador de histórias é a transmissão oral direta ao público, como irá ser detalhado no próximo subitem.

#### **1.5- Papel dos contadores de história**

A *contação* de histórias está presente desde o início da comunicação da humanidade. Os mais velhos contavam histórias que iam passando consequentemente de geração a geração. Histórias essas que surgiram através da oralidade e mais tarde foram conhecidas por outras culturas através da escrita.

Como foi o caso de *Odisséia*, um clássico da literatura grega que foi transmitida oralmente e depois fixada através da escrita.

Os contadores de histórias são incentivadores da literatura e transmissores da cultura. Usam a sua voz como principal instrumento e através dela incentivam o conhecimento que pode ser transmitido.

Um fenômeno contemporâneo foi à revalorização desta arte e do próprio contador de histórias. Como prova disso são inúmeros grupos de contadores que surgiram em várias localidades do Brasil e do Mundo (OLIVEIRA, 2014).

O contador de histórias é dependente da história e do público. E o público depende dele para ouvir as histórias. O narrador deve estar consciente de que o importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu emprestando sua vivacidade à narrativa. É ela que sugere o melhor recurso de apresentação, sugere inclusive as interferências feitas por quem à conta (SILVA, 1998).

Segundo Ribeiro (2010, p.7),

Dada a quebra na linha de transmissão do ofício entre contadores de histórias tradicionais e contadores contemporâneos, estes últimos não são a continuidade dos primeiros, apenas com visões do mundo e do próprio trabalho renovadas e recriadas. São, em verdade, aqueles que, sedentos da palavra contadora de histórias, viram-se obrigados a buscar novos caminhos para a construção do próprio processo de aprendizagem, do repertório e lide com a memória, através de livros e oficinas.

No momento da *contação*, estabelece-se uma relação de troca entre o contador e os ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e efetiva destes ouvintes venha à tona e se identifique com a narração (TORRES, 2008). A persistência do conto e de contadores de histórias tradicionais está intimamente relacionada com as sociedades de matriz africana e rurais (RIBEIRO, 2010).

Segundo Fleck (2007), o contador de histórias do século XXI conta em forma de um espetáculo, com performances e domínio das técnicas vocais e corporais. O principal objetivo de contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas uma história bem contada pode aumentar o interesse ou permitir a autoidentificação do ouvinte (TORRES, 2008), fazendo-o se interessar e se sentir estimulado até o final da história, levando consigo a mensagem transmitida pelo narrador.

O narrador tem de ter o senso crítico para saber o enredo da história e a forma que vai contar. Isso também irá depender dos fatores, entre outros, sócio econômico, cultural e faixa etária do seu público.

O contador de histórias pode utilizar objetos e instrumentos para complementar a narrativa. Estes materiais são escolhidos e utilizados, ou não, pelas características de cada contador.

O contador precisa estar consciente de que a história é que é importante. Ele é apenas o transmissor, conta o que aconteceu e o que faz com naturalidade, deixando as palavras fluírem (SILVA, 1998).

No mundo contemporâneo há valores nas culturas tradicionais e populares que não foram substituídos plenamente pela tecnologia. A *contação* tem a possibilidade de aprendizagem e conhecimento nas comunidades às quais estão vinculadas (RIBEIRO, 2010). Contar histórias, para preservar a própria história é, portanto, uma forma de resistência à imposição, tantas vezes cruel da cultura de massa, das nações dominantes (FLECK, 2007).

A valorização da cultura popular e dos contos tradicionais por intermédio da narração de histórias é muitas vezes uma maneira de resguardar a origem e a própria história de cada localidade ou região, especialmente levando-se em conta a influência política, econômica e social que os países hegemônicos exercem sobre os demais (FLECK, 2007).

### **1.6- Contadores profissionais**

A *contação* de história é uma tradição que vem rumo à profissionalização. No Brasil não está estabelecida nenhuma lei sobre a profissionalização dos contadores de histórias. Ele é serviço prestado para diversas áreas com princípio educador, pedagógico e de entretenimento.

Para formação do contador pode se estabelecer um curso com os módulos que apresentem a necessidade que este profissional irá ter. O curso básico é dividido em cinco etapas: conceitos básicos; identificação dos elementos da narração; técnicas vocais e corporais; preparação para contar uma história e ao final uma apresentação pública (FLECK, 2007).

Em Curitiba, capital do Paraná, existe curso de pós-graduação como contador de histórias pela Fatum Educacional, além de outros órgãos educativos que fornecem cursos. A formação também pode ser feita através de oficinas aplicadas por profissionais da área.

A remuneração geralmente é pelo do tempo que irá contar história, não tem uma tabela base para ser seguida. Então, o valor oferecido vai depender se o contador achar ou não justo o valor pelo determinado tempo.

A Deputada de Erika Kokay (PT/DF) é a principal responsável pelo projeto de lei que visa que a semana dos contadores de histórias seja também comemorada em todas as unidades da federação. O dia que homenageia esses profissionais é 20 de março, originário da Suécia no ano de 1991 com o objetivo de reunir os contadores e promover a prática em todo o mundo.

Porém, não há uma regulamentação e nem um código de ética. Definido assim, ele ainda não pode ser classificado como um “profissional”. A sua prática está tendo uma crescente demanda de serviços. Para tanto, a profissionalização seria de importante valor.

Mesmo sem a devida legislação como profissionais, os contadores de histórias são parte de um grupo ativo. Em Ponta Grossa-PR já foi concluído no primeiro semestre de 2015 o II Festival de Contadores de Histórias onde foram oferecidas oficinas, debates e a própria *contação* de histórias tanto para profissionais da educação como para a comunidade.

Com isso o contador pode ser ponto de colaboração como facilitador através da prática de interpretação do patrimônio. Sendo o patrimônio uma concepção além de apenas uma coleção estática de bens, e sim um processo social mais amplo, envolvendo a concepção de experiências coletiva que um grupo toma para si como própria (TOMAS, 2010).

## **1.7- Patrimônio**

Segundo Murguia e Yassuda (2007) A palavra patrimônio se originou de *pater* que significa paterno. No início seu significado representava apenas a herança que era transmitida aos filhos. Com o tempo essa palavra teve seu significado

ampliado e estendeu-se aos bens de determinados grupos que eram passados as futuras gerações como forma de transmitir seus conhecimentos e dominância social. O patrimônio tem a função de lembrar acontecimentos importantes retiradas da memória coletiva de um grupo, fortalecendo assim, sua identidade (RODRIGUES, 2012).

De acordo com Rodrigues (2012, p.4),

O patrimônio expressa a identidade histórica e as vivências de um povo. O patrimônio contribui para manter e preservar a identidade de uma nação daí o conceito de identidade nacional, de um grupo étnico, comunidade religiosa, tribo, clã, família.

Estabelecendo que o patrimônio refere-se a uma identidade histórica de um determinado povo contribuindo para manutenção e preservação dessa identidade, ele pode se constituir em bens tanto materiais quanto imateriais. “O patrimônio constituído por bens materiais e imateriais de valor simbólico para a comunidade representa a memória que foi valorizada pelos poderes constituídos ao longo do tempo.” (JOHN, 2012. p. 320). Com o passar do tempo e sem o devido planejamento a memória popular vai perdendo a força, e é preciso que memória seja continuamente ativa para sua preservação (JOHN, 2012).

Tal herança cultural adquirida pode fornecer informações significativas acerca da história de um país e do passado da sociedade. Por terem esse papel, acabam por contribuir na formação da identidade deste país, como também na formação de grupos, nas categorias sociais e no resgate da memória, desencadeando assim uma ligação entre cidadão e suas raízes. Em vista disso, sua preservação torna-se fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento cultural de um povo, uma vez que reflete em sua formação sociocultural. (ROCHA, 2012. p. 1).

Com isso é possível dizer que o patrimônio compreende as riquezas e tradições culturais de um povo. Sendo definido tanto em aspectos materiais quanto de imateriais que compõem uma sociedade (MARTINS; VIEIRA. 2006). Para o fortalecimento da identidade dos grupos a continuidade do conhecimento cultural depende da ação de pessoas para a preservação da memória, para que o conhecimento perpetue durante as futuras gerações.

“O patrimônio possui a capacidade de estimular a memória das pessoas historicamente vinculadas a ele, e por isso, é alvo de estratégia que visam a sua promoção e preservação.” (ROCHA, 2012. p.2). O patrimônio tem o poder de

identificação cultural e sua preservação se torna necessária para que a história passe para outras gerações.

Assim, o patrimônio pode utilizar o turismo cultural como uma forma de auxiliar na preservação e na valorização do patrimônio. Pois, o turismo possibilita à manutenção do patrimônio gerando renda e valorização cultural a comunidade.

### **1.8- Turismo Cultural**

O turismo cultural é diferente dos outros segmentos, pela sua ampla possibilidade de desenvolver produtos, a sua forma de organização da atividade e pela possibilidade de envolvimento da comunidade. O desenvolvimento deste segmento de turismo deve ocorrer pela valorização e promoção da cultura da região, respeitando os valores e símbolos da comunidade (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). “O turismo cultural é um segmento que surge a fim de aproveitar dos bens culturais de natureza material e imaterial disponíveis nas diferentes sociedades.” (MARTINS; VIEIRA. 2006. P.10). O turismo é capaz de valorizar e promover a identidade e as memórias de um grupo, preservando o significado, tanto para a comunidade como para os turistas.

Segundo o Ministério do Turismo (2010, p.17),

A utilização turística dos bens culturais pressupõe sua valorização, promoção e a manutenção de sua dinâmica e permanência no tempo como símbolos de memória e identidade. Valorizar e promover significa difundir o conhecimento sobre esses bens, facilitar seu acesso e usufruto a moradores e turistas. Significa também reconhecer a importância da cultura na relação turista e comunidade local, apontando os meios necessários para que essa convivência ocorra em harmonia e em benefício de ambos.

O turismo cultural possibilita a interpretação do patrimônio, provocando emoções e fazendo com que o visitante tenha a possibilidade da valorização através das informações transmitidas. Estabelecendo assim uma possibilidade de proteção da cultura de um grupo através da proteção estimulada pelo turismo (MARTINS; VIEIRA. 2006). É possível “entender o turismo cultural como instrumento para a valorização, a preservação do patrimônio cultural e o desenvolvimento sustentável da própria atividade.” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010. p. 11). O turismo cultural fomenta a valorização, a preservação do próprio patrimônio através da cultura e promove o desenvolvimento sustentável dessa mesma atividade.



O método de interpretação do patrimônio valoriza a experiência do visitante e acrescenta valor a visitação por meio das informações que realçam a história da região, propiciando uma compreensão melhor do local (MARTINS; VIEIRA. 2006). A interpretação “é mais do que informar, em sua essência, ela deve ter a capacidade de convencer as pessoas do valor e dos significados do patrimônio, promovendo assim uma relação de respeito, atitudes consciente de conservação.” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010. p.60).

Estabelecendo que a interpretação seja uma forma de valorizar a experiências através das informações transmitidas, o contador de histórias facilita a interpretação das memórias locais pelos visitantes. Pois, segundo Virginia Cândido<sup>1</sup> (2015) que é guia de turismo e utiliza a contação de histórias nas suas visitas guiadas, declara que os turistas gostam da narrativa por ter um viés mais encantador e o vocabulário do contador de histórias é capaz de abranger todas as idades, sendo uma linguagem de fácil acesso.

Segundo Virginia Cândido, ela aliou a sua “atuação de guia de turismo com a contação de histórias para tornar as informações transmitidas mais interessantes”. Virginia acrescenta que o próprio mercado de trabalho exigiu uma forma de contar mais abrangente e encantadora. Pois, o contador de histórias é ancestral, presente no imaginário da história universal e utiliza um vocabulário acessível a todos.

---

<sup>1</sup> Cândido, Virginia. QUESTIONARIO DE TURISMO VIRGINIA CÂNDIDO. Mensagem recebida por:<viriniaguaturismo@gmail.com> Em: 25/02/15 às 15:49:02

## **2 – As lendas e contadores de histórias em Ponta Grossa**

Ponta Grossa está localizada a 118 km da capital do estado do Paraná e será utilizada como foco para este trabalho, destacando lendas e causos da região. Possibilitando assim, o uso da atividade de *contação* de histórias através do turismo, como forma de valorizar, atrair e abranger aos atrativos locais.

Este capítulo tem por fim descrever a história de Ponta Grossa. Como também lendas e causos característicos da cidade que foram retirados do site da Prefeitura de Ponta Grossa e do livro em homenagem aos 152 anos da cidade.

Ponta Grossa tem *contação* de histórias na Biblioteca Pública Professor Bruno Enei e na Mansão Vila Hilda onde anteriormente era sede da Fundação Municipal de Turismo.

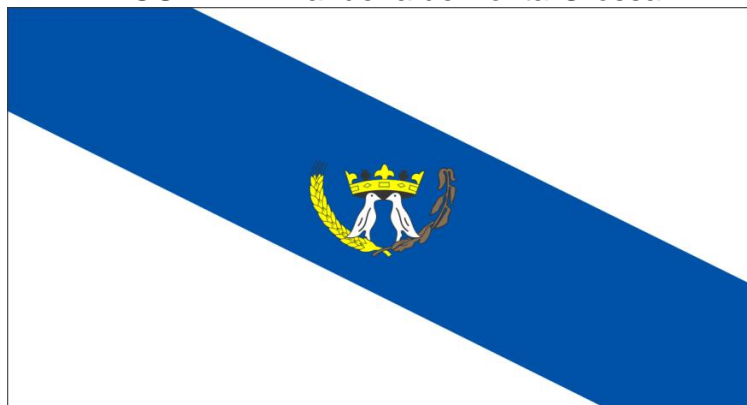
Na cidade de Ponta Grossa foi feita a coleta de causos por Mourão (2012) e assim publicada em formato de livro com o título *Causos e Lendas de Ponta Grossa: assombrações, boi-ta-tás, panelas de ouro: relatos do imaginário de nossa gent*. Mas, estas lendas e causos não foram utilizadas no presente trabalho.

O foco do trabalho é ter a contribuição do contador de histórias como forma de interpretação turística na região através dos causos e lendas da cidade para a valorização e promoção do município através das histórias contadas. Alguns elementos simbólicos serão apresentados porque se relacionam diretamente com as lendas e causos do município, como é o caso do brasão e da bandeira relacionados com a *Lenda das Pombinhas*, lenda do surgimento da cidade de Ponta Grossa.

### **2.1- Aspectos culturais e histórias**

Os símbolos municipais da cidade de Ponta Grossa tem relação com a lenda da origem da cidade: A *Lenda das Pombinhas* que será descrita abaixo. Por isso as pombas podem ser identificadas na bandeira e brasão. Pode-se observar também a imagem do Parque Estadual de Vila Velha no centro do brasão na página seguinte. A descrição do significado dos símbolos foram retirados do livro *Ponta Grossa: edição histórica*, de forma que o decreto da bandeira municipal foi retirado integralmente do livro.

FIGURA 1 – Bandeira de Ponta Grossa



Fonte: Prefeitura de Ponta Grossa (2015)

O Prefeito Municipal de Ponta Grossa, estado do Paraná, usando as atribuições de seu cargo,

Considerando o relatório apresentado pelo o Grupo de Trabalho Instituído pela Portaria n.º 114/69, de 23 de setembro de 1969, e destinado a estudar e a emitir parecer a propósito da criação da Bandeira do Município de Ponta Grossa, Decreta:

Art. 1º - Fica criada a bandeira do Município de Ponta Grossa, de conformidade com o modelo que acompanha o presente Decreto, constando o Pavilhão Municipal das seguintes características; retângulo branco, com uma faixa azul ao centro e em forma diagonal, indo do canto superior esquerdo ao inferior direito; ostentando no centro da diagonal azul duas pombas brancas, voltadas uma para outra e apoiadas em uma lua vermelha tendo a forma de um segmento lenticular côncavo-convexo, e, encimando as pombas, uma coroa dourada, com detalhes em preto.

§ Único – As características do Pavilhão Municipal, constante deste artigo, correspondem a tradição que emoldura o espírito do povo, tais como:

a) As cores azul e branca, as predominantes da Virgem Santíssima, invocadas pelo Povo, através de Nossa Senhora da Vila Velha, mãe da Divina Graça e da Senhora Sant`Ana, sua excelsa mãe, Padroeira de Ponta Grossa;

b) As duas pombas brancas que conforme a lenda, escolheram o local onde se erigiu a primeira Igreja sob o orago Sant`Ana, hoje Catedral do Bispado, fazendo surgir, do então aglomerado de casas ao seu redor, a Cidade de Ponta Grossa;

c) A coroa simboliza o cognome de "Princesa dos Campos";

d) A meia lua em vermelho ressalta a fundação de Ponta Grossa, no reinado Imperial, cuja cor preponderante era a encarnada.

Art.2º - A confecção da bandeira do Município de conformidade com o disposto no art. 1º desta lei, obedecerá rigorosamente o desenho anexo e o módulo (segmento de reta que se toma a vontade de acordo com o tamanho da bandeira a fazer) é de: 14m de altura e 20 de comprimento; a coroa, as pombas e a meia lua, serão colocadas num diâmetro de 2,5 módulos; a faixa diagonal terá 6,2 módulos e a altura de 4,50 módulos e o segmento lenticular côncavo-convexo, terá o módulo de 0,1 na direção do raio focal.

Art. 3º - Fica instituído o Dia da Bandeira do Município de Ponta Grossa, a data de 22 de novembro.

§ Único - Anualmente, na data constante deste artigo, o Pavilhão Municipal será reverenciado em todo o território do Município.

Art. 4º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Secretaria Municipal de Administração e Negócios Jurídicos, em 21 de novembro de 1969.

as) Cyro Martins

*Prefeito Municipal*

as) Manuel Marcos Martins

*Secretário Municipal de Administração e Negócio*

## Brasão

FIGURA 2 – Brasão de Ponta Grossa



Fonte: Prefeitura de Ponta Grossa (2015)

É composto por duas bandeiras que representam o Estado, no meio aparece o pinheiro que é símbolo da principal fonte econômica do município. A roda dentada e a bigorna são símbolos da indústria. Dentro do círculo a paisagem representa o planalto paranaense, com a data de fundação da cidade. Pousado sob o escudo estão as pombas que simbolizam a lenda da fundação e a coroa é símbolo do nome Princesa dos Campos.

## História

A fonte em que foi retirada a história integralmente da cidade foi do site da Prefeitura de Ponta Grossa (2016).

Ponta Grossa teve sua origem e seu povoamento ligado ao Caminho das Tropas. Porém, a primeira notícia de ocupação da nossa região, foi em 1704, quando Pedro Taques de Almeida requereu uma sesmaria no território paranaense. Foi seu filho José Góis de Moraes e seus cunhados que vieram tomar posse das terras, trouxeram empregados e animais e fundaram currais para criar gado. Suas terras eram formadas pelas sesmarias do Rio Verde, Itaiacoca, Pitanguí, Carambeí e São João, de onde surgiram as primeiras fazendas. Parte dessas terras José Góis de Moraes doou aos padres jesuítas que construíram no local (Pitanguí), a Capela de Santa Bárbara. Várias fazendas surgiram às margens do Caminho das Tropas. Os

tropeiros durante suas viagens paravam para descansar e se alimentar em lugares que passaram a ser chamados de ranchos ou “pousos”. Desses pousos surgiram povoados, como Castro e Ponta Grossa. As fazendas contribuíram para o aumento da população, que levou ao surgimento do Bairro de Ponta Grossa, que pertencia a Castro. Com o crescimento do Bairro, os moradores começaram a lutar para a criação de uma freguesia, pois uma Freguesia tinha mais autonomia. Construíram então um altar na Casa de Telhas, aonde o vigário de Castro vinha de vez em quando rezar missas e também realizar casamentos e batizados.

Ponta Grossa foi elevada à Freguesia em 15 de setembro de 1823 e foi escolhido um local no alto de uma colina, perto do Caminho das Tropas para a construção de uma nova capela em homenagem à Senhora de Sant’Ana. Este local foi escolhido para ser a sede da Freguesia e em seu entorno passaram a ser construídas casas de moradia e de comércio. Esta colina é onde hoje se encontra a Catedral de Sant’Ana.

Em 1855, Ponta Grossa foi elevada à Vila e em 1862 à cidade. Cada vez mais pessoas aqui chegavam, sendo que a cidade cresce e se desenvolve, tornando-se a mais importante do interior do Paraná.

Foi com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro, que Ponta Grossa se tornou um grande centro comercial, cultural e social. A ferrovia transformou a cidade em um grande entroncamento, destacando-se na Região dos Campos Gerais e no Paraná. Isso fez com que inúmeras pessoas escolhessem o local para trabalhar, estudar e viver. Foi nesse momento que chegaram os imigrantes, que contribuíram para o crescimento cada vez maior da cidade.

Aqui se estabeleceram os ucranianos, os alemães, os poloneses, os italianos, os russos, os sírios e libaneses entre tantos outros, que contribuíram para o crescimento da cidade, bem como no desenvolvimento social, político, econômico e cultural de Ponta Grossa. Ponta Grossa se destacou no século XX, com muitas lojas de comércio, indústrias, escolas, cinemas, teatros, jornais, biblioteca, entre outros. Pode-se dizer que aquela pequena vila, surgida como pousos dos tropeiros, cresceu e se transformou em uma grande cidade.

## 2.2- Lendas e causos

As histórias e lendas de *O Monge João Maria*, *O Túmulo Que Chorava* e *Lenda de Vila Velha* foram coletadas do livro publicado *Ponta Grossa: edição Histórica*. As histórias de *Corina Portugal*, *Gralha Azul*, *Mansão Vila Hilda* e *Buraco do Padre* foram retiradas do site da Prefeitura de Ponta Grossa que disponibiliza online as lendas e histórias da cidade. Por serem de origem popular as lendas e causos da região são descritas de forma coloquial.

QUADRO 1 – Lendas e Causos de Ponta Grossa

Lenda/Causo	História
Lenda das Pombinhas	<p>A <i>Lenda das Pombinhas</i> é a lenda de maior ênfase municipal. Pois, em todos os símbolos acima citados há pombas como representação da origem da cidade.</p> <p>Contam os antigos que, quando os fazendeiros dos Campos Gerais se reuniram para decidir o local da sede de povoação, onde ergueriam uma igrejinha sob a invocação da senhora Sant'Ana, não chegaram a um acordo. Cada um queria que o lugar ficasse próximo a sua fazenda. Assim sendo, de comum acordo, resolveram soltar dois pombos brancos com fitas vermelhas amarradas nas perninhas, e que, onde estes pousassem seria o local da igrejinha e o centro da nova povoação. Soltos os pombos, estes voaram para bem longe, e foram pousar sobre uma cruz, próxima de uma enorme figueira, na mais alta colina, junto ao caminho dos tropeiros. Ali foi então erguida modesta capela de madeira sob a invocação de Sant'Ana. Ao seu redor formou-se a nova povoação de Ponta Grossa.</p> <p>A Catedral Sant'Ana está situada na Praça Marechal Floriano Peixoto, com símbolos dos 150 anos da cidade situado no seu centro e outros monumentos que marcam a praça.</p>
Corina Portugal	<p>Nascida em 1869 no Rio de Janeiro, Corina Portugal perdeu sua mãe com três anos de idade e sua avó tempos depois. Era de uma família distinta e recebeu uma excelente educação. Na sua adolescência conheceu Alfredo Marques Campos, onze anos mais velho. Aos 15 anos ela se casou, mas com o tempo Alfredo começou a demonstrar que o casamento foi por interesse. Depois do casamento ele a trouxe para Ponta Grossa onde se fixou como farmacêutico em função de sua formação. Mas o dinheiro que recebia acabava sendo gasto com jogos e em prostíbulos. Deixava Corina sozinha pelas noites e às vezes sem ter o que comer. Sem contar que ela sofria agressões de Alfredo. Uma noite chegando bêbado em casa, tendo perdido uma grande quantidade de dinheiro, golpeou Corina com 32 facadas.</p> <p>Após o crime, Alfredo acusou Corina de traição, para que pudesse escapar da lei. O advogado Dr. Vicente Machado foi quem o defendeu na causa. Alfredo foi absolvido e foi</p>

	<p>morar em Minas Gerais, mas se suicidou com um tiro de revólver.</p> <p>Hoje em dia, o túmulo de Corina Portugal, que ganhou fama popular como 'a santinha dos Campos Gerais', é ainda muito visitado pelos fiéis que acreditam nos seus milagres. Seu túmulo é cheio de agradecimentos e velas. Depois de ter um pedido realizado, os fiéis deixam 100 cópias da oração em cima do túmulo que pode ser visitado no Cemitério São José.</p>
O Monge João Maria	<p>Trata-se de um pobre velho, de origem estrangeira, polonesa talvez, que embora não fosse perigoso, devia possuir alguma deficiência mental. Perambulava por todas as regiões dos Campos Gerais, e quando por aqui andava, vivia num local conhecido até hoje como "Olho d'água São João Maria", próximo ao bairro Ana Rita.</p> <p>Era de boa índole e vinha muitas vezes para o centro da cidade pedir esmolas; trazia sempre ervas medicinais e as dava para as donas de casa para que fizessem chás para certos males comuns.</p> <p>Muitas vezes não era bem recebido e naquela época algumas pessoas já tinham o mau hábito de caçoar das pessoas esquisitas e infelizes. Certa vez ao se aproximar de um campo, onde hoje é a Praça Barão do Rio Branco, moleques que jogavam futebol, correram e atiraram pedras no pobre velho.</p> <p>Ele reagiu, e revidou o ataque com seu bordão, o que afugentou de pronto a molecada. Ouvindo os gritos, algumas mães correram para defender os seus rebentos. Gritaram com o velho, e este zangado, amaldiçoava a todas e olhando para o casario dizia em altos brados: "Terra de gente ruim. Um dia, quando as casas forem muito altas, o vento será tão forte que irá derrubar tudo, não deixando nada de pé".</p> <p>Ora, muita gente acredita, quando às vezes o vento, tão comum em zonas descampadas como é a nossa, sopra violento, que a maldição do "monge" João Maria irá se cumprir.</p> <p>Esta história está no livro da publicação de aniversário dos 152 anos de Ponta Grossa. Ela pode ser considerada um caso por estar sem comprovação.</p>
O Túmulo Que Chorava	<p>Houve uma vez há muito tempo, uma verdadeira romaria ao cemitério São José. Nos dias quentes e secos, um túmulo simples vertia pingos d'água, o que começou a causar espanto aos mais crédulos, que não tinham explicação para tal fenômeno. Logo se espalhou que era "milagre".</p> <p>Vinha gente de longe e o cemitério ficava apinhado de pessoas para ver cair os tais pingos d'água do tal túmulo. As autoridades, ao saberem do fato, resolveram tomar providências no sentido de esclarecer o frequente ocorrido.</p> <p>Logo tudo se esclareceu. Quando chovia, pelas danificações do túmulo, a água penetrava-o. Demorava algum tempo até escoar totalmente do interior do túmulo e por isso o gotejo. Este foi restaurado e nunca mais ninguém viu o "túmulo chorar" como diziam.</p>



Lenda de Vila Velha	<p><i>Itacueretaba</i>, antigo nome do que conhecemos hoje como Vila Velha, significa “a cidade extinta de pedra”.</p> <p>O povoado indígena dessa cidade tinha a proteção de Tupã e o tesouro era cuidadosamente guardado por uma legião de <i>Apiabas</i> (homens) que eram escolhidos para tal missão. Os <i>Apiabas</i> tinham todas as regalias e viviam muito bem. Era-lhes, porém, vedado o contato com as mulheres (<i>cunhatãs</i>), mesmo que fossem de sua própria tribo.</p> <p><i>Tupã</i>, onipotente, deixaria de guardar seu povo se àquele tesouro fosse perdido e lançaria sobre eles as maiores desgraças.</p> <p>Numa certa época, <i>Duí</i> (Luiz) foi escolhido como chefe supremo dos <i>Albiatas</i>. Como todos os outros, ele tinha sido bem preparado para a missão.</p> <p>Porém, <i>Duí</i> era <i>cunharaspicara</i> (mulherengo) e as tribos rivais, ao tomar conhecimento disso, resolveram aproveitar a situação e escolheram dentre todas suas donzelas a que deveria ir tentar o jovem guerreiro e descobrir o segredo do tesouro.</p> <p>A escolhida foi <i>Aracê Poranga</i> (Aurora bonita). Foi tudo muito fácil, mas ambos se amavam e... <i>Aracê</i> traiu seus parentes em nome de seu amor. <i>Duí</i> traía então também sua missão em nome de <i>Aracê</i>.</p> <p>Numa tarde de primavera, quando os ipês já floresciam, <i>Aracê</i> veio em encontro de <i>Duí</i>. Trazia uma taxa de <i>Uirucuri</i>, o licor de butiás, para embriagar <i>Duí</i>. Mas por causa do amor que ponderou em ambos, ela também tomou o licor. Depois ficaram deitados a sombra do ipê.</p> <p><i>Tupã</i> vingou-se, desencadeando um terremoto que abalou a planície. O tesouro aurífero fundiu e liquidificou-se e os amantes foram castigados, petrificados, um ao lado do outro. Ao seu lado, ficou a taça de pedra, a causa de sua desgraça.</p> <p>E, quando por ali alguém passa, ainda pode ouvir o vento repetindo a última frase de <i>Aracê</i>: “<i>Xê pocê o quê</i>” (dormirei sempre contigo). E foi assim que <i>Aboretaba</i> tornou-se <i>Itacueretaba</i>. O tesouro fundido é a lagoa que chamamos de Dourada e que ainda reflete um brilho aurífero quando banhado pelo sol. Os sobreviventes partiram para outras terras, para que a maldição de <i>Tupã</i> não os alcançasse e fundaram outro império nestas terras imensas do Brasil.</p> <p>O Parque Estadual de Vila Velha é tombado desde 1966 pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Hoje ele é administrado pelo Instituto Ambiental do Paraná.</p>
Gralha Azul	<p>Era madrugada, o sol não demoraria a nascer e a gralha ainda estava acomodada ao galho onde passara a noite, quando acordou com a batida aguda do machado e o gemido do pinheiro.</p> <p>Era o lenhador golpeando a árvore pra transformá-la em tábuas. Quantos anos levou a natureza para que o pinheiro atingisse aquele porte majestoso e agora em poucos minutos estaria estendido no solo e pronto para ir para</p>

	<p>madeira.</p> <p>As pancadas repetidas pareciam partir o coração da gralha. Em um momento de desespero, partiu em voo vertical, subiu muito além das nuvens para não ouvir mais os estertores do pinheiro amigo.</p> <p>Lá nas alturas, escutou uma voz cheia de ternura – <i>ainda bem que as aves se revoltam com as dores alheias.</i></p> <p>A gralha subiu ainda mais, na imensidão. Novamente a mesma voz – <i>volte avezinha bondosa, vai novamente para os pinheirais. O pinheiro é o símbolo da fraternidade. Ao comer pinhão, tira-lhe primeiramente a cabeça, para depois, a bicadas, abrir-lhe a casca. Nunca se esqueça de antes terminar o seu repasto, enterrar alguns pinhões com a ponta para cima, já sem cabeça, para que a podridão não destrua o novo pinheiro que dali nascerá.</i></p> <p>A gralha por instantes atingiu as alturas e notou o seu próprio corpo. Observou que estava toda azul. Somente ao redor da cabeça, continuou preta. Ao ver a beleza de suas penas da cor do céu voltou celebre para os pinheirais iniciando seu trabalho de ajudante. Tão alegre ficou que seu canto passou a ser um verdadeiro alarido que mais parece com vozes de crianças brincando.</p> <p>A lenda da Gralha Azul foi retirada do site da Prefeitura de Ponta Grossa. Ela não é apenas uma lenda regional, mas também conhecida em todo Paraná.</p>
Mansão Vila Hilda	<p>A mansão está localizada na Rua Júlia Vanderlei, 936, no centro da cidade de Ponta Grossa. Construída em 1926 por Alberto Thielen em homenagem a sua esposa Hilda Thielen.</p> <p>Alberto era proprietário da Cervejaria <i>Adriática</i> até então a maior cervejaria da cidade. A casa foi projetada em 1922 e demorou quatro anos para ser concluída. Tem 600 m<sup>2</sup> e influência francesa na arquitetura. Os cômodos receberam pinturas feitas pelo artista alemão Paulo Wagner. Têm a mistura dos traços da cultura europeia com as paisagens locais.</p> <p>A casa está rodeada de lendas como descreve Giovana Bueno (2002) em sua entrevista com Ângela Pitalli.</p> <p>“(…) As pessoas falam muitas coisas, as quais eu sei é que Dona Hilda não deixou a casa...que seu espírito permanece aqui vigiando... Na verdade, o que eu sei é que fatos muito estranhos acontecem por aqui... Teve um dia em que eu iria com o motorista da Fundação pegar uma pessoa no aeroporto em Curitiba e eu cheguei aqui por volta das sete da manhã, os funcionários só chegam às nove, e fiquei esperando o motorista, como tinha várias coisas para resolver, decidi subir até minha sala e adiantar algumas coisas, minha sala era no</p>

	<p>pavilhão superior, eu subi e comecei a trabalhar, aí escutei a porta da entrada (principal) se abrir, ouvi o barulho da chave e passos, então pensei que era algum funcionário e abri a minha porta pra avisar que estava ali, e não tinha ninguém! Abri todas as salas e nada e a porta que havia escutado abrir estava trancada! Outro fato semelhante aconteceu, também com outra funcionária, nós estávamos num evento e precisávamos de um material que estava aqui, ela veio buscar, era um sábado, não havia ninguém aqui, ela entrou no térreo e estava de costas para a porta quando escutou ela se abrindo e alguém entrando, ela se virou para falar com a pessoa e não havia ninguém, a porta estava trancada e não tinha ninguém nas salas! Houve, também outras histórias, como aquela da foto da lista telefônica, tem outras também em que dizem ouvirem de madrugada barulho de festas... é bem curioso."</p> <p>A Mansão Vila Hilda foi tombada no dia 10 de abril de 1990 pelo Instituto do Patrimônio Histórico. Atualmente ela está sendo usada pelos contadores de histórias de Ponta Grossa, após ter sido sede da Fundação Municipal de Turismo. .</p>
Buraco do Padre	<p>O nome <i>Buraco do Padre</i> está intimamente ligado à história dos jesuítas que ali estiveram. A finalidade dos jesuítas era a de converter as almas para o cristianismo, principalmente às das terras novas das Américas. Os jesuítas dos Campos Gerais eram oriundos das Santas Missões de Guairá, onde trabalhavam com os índios da tradição <i>Umbu</i>.</p> <p>A origem do nome <i>Buraco do Padre</i> pode estar ligada ao costume dos padres jesuítas se dirigirem ao alto do platô, para concentração e meditação, ou simplesmente para o descanso. Não raro eram vistos por indígenas ou caboclos que passaram a chamar o local de <i>Buraco do Padre</i>.</p> <p>O local foi muito utilizado para matança de índios pelos bandeirantes nos séculos XVI e XVII. Conta à história que alguns pesquisadores europeus visitaram o <i>Buraco do Padre</i> no século XIX, e que em noites de céu limpo caíam bolas de fogo, e em algum lugar próximo havia ouro enterrado.</p> <p>Estas últimas crenças dão-se ao fato de os jesuítas terem fugido às pressas devido à influência que o Marquês de Pombal exercia sobre o Rei aconselhando-o a expulsar os jesuítas do Brasil, alegando que, devido ao seu alto grau de conhecimento, poderiam amotinar os índios contra a coroa, criando uma rebelião na Colônia.</p>

	<p>O Buraco do Padre é um local que está sendo reabilitado aos poucos pelo atual proprietário. Contém uma beleza natural extrema, mas ainda é de difícil acesso pela falta de sinalização até a chegada ao atrativo.</p>
--	--

Fonte: Acervo da autora

O quadro acima faz referências às lendas e causos da cidade de Ponta Grossa. Elas serão utilizadas na proposta do quarto capítulo. Estas histórias foram retiradas do imaginário popular e podem ser utilizadas pelos contadores de histórias para promoção e interpretação de atrativos turísticos.

FIGURA 3 – Taça do Parque Estadual Vila Velha



Fonte: Acervo da autora

FIGURA 4 – Mansão Vila Hilda



Fonte: Acervo da autora

FIGURA 5 – Buraco do Padre



Fonte: Secretaria do Esporte e do Turismo (2016)

### **3 – O uso das lendas e dos contadores como atrativos turísticos no Brasil – casos**

O capítulo três irá referenciar como os contadores podem contribuir para a valorização e interpretação dos atrativos turísticos e dos patrimônios. A *contação* de histórias pode fazer parte do patrimônio como facilitador da transmissão das memórias locais aos visitantes. Serão citados exemplos de locais que já se utilizam da *contação* de histórias como uma forma de atividade complementar dentro do atrativo e que obtêm satisfatórios resultados.

Este capítulo utiliza referências e outras informações coletadas de sites, revistas eletrônicas e referências bibliográficas.

Entende-se a aproximação entre história oral e turismo como um mecanismo de se ampliar o acesso aos bens culturais, incluindo suas interfaces com a memória das comunidades receptoras e o processo de construção de identidades coletivas. (BEDIM, 2007, p.66).

Segundo Batista (2005), são essenciais para o segmento turismo cultural a memória e a identidade de um atrativo turístico. O aumento da escolaridade da população é um dos fatores que auxiliam na elevação deste segmento, que está com um padrão cada vez mais exigente pelo mercado turístico. De forma, são importantes os projetos de sensibilização dos cidadãos da comunidade no início de sua vida escolar. É nessa fase que são formados conceitos essenciais sobre o que realmente importa para uma vida social (COUTINHO; RICCO, 2012).

À medida que a narrativa oral passa a ser valorizada, damos à oralidade o mesmo grau de importância estabelecido pela escrita e, assim, elas ficam em um mesmo patamar. A veracidade do adágio popular. “Vale o que está escrito”, cede lugar a efemeridade da palavra falada e esse, ao meu ver, deverá ser mais um papel do grão, à moda brasileira: recuperar a valorização da tradição oral e não permitir que as tradições caiam no esquecimento. (BARZANO, 2009, p. 254).

O resgate da memória é muito importante. Através da memória se constrói a identidade de um povo. Surge assim, a necessidade de lembrar e buscar as origens (BATISTA, 2005). Em diversas comunidades ainda existem os *mestres*, ou seja, detentores do conhecimento memorial da localidade. Esses podem ser conhecidos como contadores de histórias também e transmitem essas memórias locais a comunidade. Esses contadores de histórias não estão amparados por nenhuma política de valorização e reconhecimento. Mas ainda continuam mantendo a memória de saberes e fazeres que são passados através das gerações

(PINHEIRO, 2012). “É possível que a história oral seja entendida como um instrumento potencial para registrar as mais variadas representações e anseios das “populações visitadas.”” (BEDIM, 2007, p. 67).

Reconstituir através da tradição oral experiências de vida, em uma possibilidade de conectar passado ao presente. Os registros obtidos pelos mestres griôs seria uma forma de perpetuar seus conhecimentos e compartilhá-los aos demais membros da sociedade, na busca de perenização de sua arte, ameaçada de desaparecimento. A preservação, a transmissão e a continuidade do saber-fazer torna-se necessária. (RAMOS, 2011, p. 10).

O termo *griot* (griô) vem da cultura africana. Tem o significado de contador de histórias e exerce a função de guardião da memória de seu povo. Ele é responsável pela manutenção da tradição oral através dos mitos, lendas, cantigas e danças. Seus relatos estão relacionados com a identidade coletiva de um povo e foi através destes relatos das histórias e memórias que os africanos trouxeram sua identidade inserida na cultura brasileira (LIMA; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2009).

“O resgate da tradição oral ganhou força e levou a uma revisada ao passado, para dali trazer de volta a figura do contador de história, que parece em sua configuração contemporânea.” (LIMA, NASCIMENTO, OLIVEIRA, 2009, p.153).

### **3.1- Interpretação patrimonial através da contação de histórias**

É considerado patrimônio os bens materiais e imateriais que expressam a memória e a identidade de grupos que podem ser utilizados como forma de atração turística (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006). Possuindo assim, a necessidade da preservação do patrimônio. Pois, é uma forma de garantir a memória de um povo (RONCHI, 2015). A partir desta ideia o contador de histórias passa a fazer parte como facilitador da interpretação das informações para os turistas, transmitindo as memórias e tradições em forma oral.

A interpretação vai de cada olhar, de cada sentimento, cada pessoa. Juntamente com a história do objeto interpretando cada pessoa poderá ter uma visão, uma análise única. No caso da interpretação do patrimônio a orientação de um profissional. que auxilie na percepção de cada detalhe, contribui para o conhecimento e a valorização do conjunto como um todo. (COUTINHO; RICCO, 2012, p.38).

Neste trabalho o contador de histórias contribuirá como auxiliador na percepção do turista, contendo informações diferenciadas que irão auxiliar na valorização do local visitado.

A interpretação do patrimônio é o descrever de uma história onde pode ser utilizado de vários recursos e suportes para que seja contada esta história local, sendo possível unificar o significado e a experiência da viagem. Essas histórias são capazes de envolver e fascinar os visitantes, despertando a atenção para os acontecimentos comuns, sendo possível transformá-los em algo memorável. (COUTINHO; RICCO, 2012, p 39).

O próximo tópico terá exemplos de atrativos que já utilizam o auxílio do contador de histórias.

### 3.2- Principais casos

O quadro a seguir é feito com os principais casos em que a *contação* de histórias e o turismo se tornaram parceiros. O quadro foi dividido em três colunas e é composto pela localização do caso, descrição e a fonte de onde foi retirada a informação.

QUADRO 2 – Exemplos de contação de histórias como auxiliadora do turismo

Local	Descrição	Fonte
Buenos Aires – Argentina	A cidade de Buenos Aires utiliza apresentações teatrais, musicais e <i>contação</i> de histórias para guiar os turistas que visitam os pontos principais da cidade. O projeto é conhecido “La História en Su Lugar”.	UOL Viagem
Minas Gerais	O circuito Guimarães Rosa nasceu por iniciativa dos amantes da literatura que visitavam lugares que o autor vivenciou. Dessa maneira criaram um circuito que inclui nove municípios contendo caminhadas, encontros culturais e <i>contação</i> de histórias nos locais onde os trechos da obra se passam.	Circuito Guimarães Rosas
Amparo – São Paulo	O projeto tem como objetivo a sensibilização dos turistas e dos cidadãos sobre os espaços turísticos com a ideia preservar e valorizar a memória através da <i>contação</i> de histórias.	Jornal a Tribuna
Parque Nacional da Chapada da Diamantina- Lençóis - Bahia	O PROJETO TRILHAS GRIÔS DE LENÇÓIS utiliza os Griôs (contador de histórias locais) e a comunidade em parceria com o turismo, fazendo a valorização da memória local através das músicas e <i>contação</i> de histórias utilizando trilhas que os visitantes têm opção de escolher.	Instituto Virtual de Turismo
Bonito – Mato Grosso do Sul	O hotel Águas de Bonito proporcionou aos hóspedes uma apresentação de <i>contação</i> de histórias e cantos locais ao som de percussão, com a intenção da valorização cultural transmitindo conhecimento e emoção aos visitantes.	Blog Associação Bonitense de Hotelaria
Bosque do Alemão -	É um passeio realizado especialmente para crianças e traz as histórias de João e Maria em	Blog Eu Viajo com os meus Filhos



Curitiba Paraná	–	Azulejos. Há também a Casa da Bruxa, onde uma bruxa conta histórias nos finais de semanas e feriados.	
Cachoeira Bahia	–	Com auxílio da Secretaria de Turismo do Estado, do Instituto Votorantim e Sebrae, a comunidade quilombola comercializa a Rota da Liberdade. O projeto com base comunitária mostra a fabricação de farinha, azeite de dendê e xaropes naturais, além do contato com rezadeiras e griôs do terreiro local.	Site da Bahia
São João del Rei – Minas Gerais		À noite, personagens saem para as ruas e contam as histórias locais aos turistas enquanto caminham pelo centro da cidade. O projeto tem como objetivo preservar a memória local. Este projeto já recebeu troféu pela IPHAN-MG, por se destacar na categoria de Salvaguarda de Bens de Natureza Imaterial.	G1
Dublin – Irlanda		The Brazen Head é o <i>pub</i> mais antigo da Irlanda. Ele oferece para quem deseja o pacote de uma noite de folclore, comida e <i>contação</i> de histórias. O visitante irá jantar ao som da música tradicional, enquanto os contadores de histórias falam sobre a vida irlandesa de antigamente.	Mapa de Dublin
Piracicaba São Paulo	–	O roteiro de um dia em Piracicaba conta com comidas típicas, <i>contação</i> de histórias, pescaria e paisagem natural que tem como principal elemento o Rio Piracicaba.	Setur
Paraty – Rio de Janeiro		O turismo de base comunitária apresenta a história, luta e resistência da cultura quilombola cercada pela natureza que está na Área de Proteção Ambiental Cairucu. O roteiro oferece visita à casa do artesanato, ao núcleo familiar, casa da farinha, viveiro agroflorestal e <i>contação</i> de histórias com os griôs regionais.	Blog Quilombo da Independência
São Paulo São Paulo	–	Fará parte da programação da 9ª Primavera dos museus da Caixa Cultural palestras e <i>contação</i> de histórias sobre mitos e lendas indígenas. A primavera cultural é coordenada pelo Instituto Brasileiro de Museus.	Jornal do Brasil
Ouro Preto Minas Gerais	–	A agência Tumba Turismo oferece uma visita guiada com <i>contação</i> de histórias, lendas e casos durante os principais atrativos de Ouro Preto. O custo pago será de transporte e guia e deverá no mínimo ter três pessoas.	Tumba Turismo
São Paulo São Paulo	–	Um domingo por mês o Museu da Imagem e do Som destina às crianças e às famílias, programas como a exibição de filmes, oficinas variadas, circo, teatro, <i>contação</i> de histórias e outras atividades.	Museu da Imagem e do Som

Salvador Bahia	–	O Corredor Cultural de Curuzu tem o objetivo da interpretação cultural da comunidade do Curuzu preservando as tradições e a cultura dos afrodescendentes. Este <i>tour</i> permite encontro com os griôs, apresentação de arte marcial, visitação aos terreiros e degustação dos pratos típicos da culinária africana.	Site Lilas Turismo
Recife-Pernambuco		Na Semana Nacional de Museus o espaço Paço do Frevo irá oferecer visitas guiadas, <i>contação</i> de histórias diárias, apresentações musicais de frevo, lançamento de livros e promoverá ao público a experimentação dos passos básicos do frevo.	G1
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro		O Museu da República em comemoração aos seus 51 anos de criação oferece uma programação no dia da Proclamação da República. Durante este dia o Museu oferecerá <i>contação</i> de histórias, visitas mediadas e jogos. O evento se encerrará com a apresentação da Orquestra Villa-Lobos.	Portal do Instituto Brasileiro de Museus
Londrina Paraná	–	A Rota do Café tem por objetivo resgatar a cultura e a história das regiões produtoras de café. Em 2011 teve uma nova atração reunindo os contadores de histórias que narraram aos visitantes, de forma lúdica, fatos importantes da rota.	Diário Indústria e Comércio

Fonte: Acervo da autora

A *contação* de histórias pode contribuir como uma forma da interpretação do atrativo turístico, possibilitando uma visão ímpar do atrativo que está sendo exposto. Assim, o quadro citou dezoito exemplos de casos que há o auxílio da *contação* de histórias aliado com o turismo. Dezesesseis dos exemplos estão situados no Brasil e dois em outros países, Argentina e Irlanda.

#### **4 – Propostas de uso de lendas e do contador como atração turística do destino de Ponta Grossa**

O presente capítulo estabelecerá duas propostas com o contador de histórias auxiliando o turismo de Ponta Grossa – PR. Estabelecendo que o contador de histórias não pode exercer a atividade de guia de turismo. Pois, o guia de turismo está estabelecido na legislação do Ministério de Turismo PORTARIA N°27, de 30 de janeiro de 2014.

Art. 2º Considera-se Guia de Turismo o profissional que exerça as atividades de acompanhamento, orientação e transmissão de informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializadas.

Parágrafo único. É condição para o exercício da atividade de guia de turismo o cadastro no Cadastro dos Prestadores de Serviços Turísticos – Cadastur.

(Brasil. Ministério do Turismo. Estabelece Requisitos e Critérios para o Exercício da Atividade de Guia de Turismo e dá outras Providências. Portaria n°27, de 30 de janeiro de 2014).

Prevendo assim, que o guia de turismo deve estar qualificado através de cursos específicos e cadastrado junto ao órgão de turismo para que possa exercer a atividade de guia.

Em contraponto, o contador de histórias não tem nenhuma legislação sobre a sua atuação no mercado, ficando livre para a experimentação de sua formação de contador. As propostas que serão estabelecidas visam que os contadores de histórias, que poderão praticar as propostas abaixo, tenham experiência ampla na área de *contação*. No mínimo dois anos de atividade ou a comprovação de um curso de contador.

##### **Proposta 1**

O contador de histórias, com a utilização do seu conhecimento e sua forma de transmissão da oralidade, pode estar em parceria com guias de turismo. Então, esta proposta estabelece uma oficina em que um contador de histórias irá formar estes guias com práticas de *contação* de histórias regionais. Serão divididos em cinco dias sequentes, com cinco horas em cada dia, totalizando 25 horas de oficinas. O conteúdo irá utilizar as lendas e causos locais (citados no capítulo 2) na composição do conteúdo. A matéria que irá transmitir esse material estará nomeada como 'Causos e Lendas da Região'.

Duração: Cinco dias.

Conteúdo: *Conta*ção de histórias na atualidade; Tradição Oral; Causos e Lendas da Região; Dramaticidade; Entonação; Uso do diafragma; Improvisação; Aulas práticas.

Objetivo: Possibilitar ao guia de turismo ferramentas que auxiliem em sua atividade como profissional, para que ele consiga passar as informações necessárias sem que o turista perca o foco.

Onde: Instituições privadas e públicas que possuam características para fomento de projetos educacionais.

Quando: No segundo semestre do ano.

Público-alvo: Estudantes do curso de guia de turismo do Colégio Estadual Júlio Teodorico e guias já atuantes no mercado da cidade de Ponta Grossa.

QUADRO 3 – Programação de ensino para cada aula

<b>Dias</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Objetivo</b>
1º dia	<i>Conta</i> ção de histórias na atualidade; Tradição Oral.	Conceituar a tradição oral na história e a da <i>conta</i> ção de histórias na atualidade.
2º dia	Causos e Lendas da região.	Descrever e debater os principais causos e lendas na região.
3º dia	Dramaticidade; Entonação; Uso do diafragma.	Pontuar a dramaticidade das histórias e com o auxílio da entonação e do diafragma estabelecer picos de emoção da história através da voz.
4º dia	Aula prática	Em sala de aula cada aluno vai fazer uma <i>conta</i> ção diante de seus colegas na qual todos podem discutir sobre o que poderia melhorar para que a história ficasse mais interessante.
5º dia	Aula prática	A última aula vai ser em um local em que haja público, para que os alunos possam interagir e por em prática o que apreenderam.

Fonte: Acervo da autora

A presente proposta define a utilização da *contação* de histórias para a interpretação de atrativos turísticos da região. Os exercícios auxiliares na promoção e valorização local são de fundamental importância, através da oficina, com suas aulas e conteúdo, para a melhor formação do guia de turismo em contador de histórias.

## Proposta 2

A presente proposta estabelece o uso do contador de histórias exercendo seu papel no turismo. O objetivo é que, antes da visita guiada, este contador possa falar sobre o caso ou a lenda do local em que o turista vai percorrer. Assim, o turista vai ter um olhar distinto após saber das histórias do lugar que irá visitar.

O local em que este método pode ser usado é o Parque Estadual de Vila Velha. Seria realizado após o vídeo de apresentação do parque comumente passado em todas as sessões de visitação. Ao término do vídeo, o contador de histórias entraria na sala e a lenda do parque, que é anteriormente citada, seria conhecida através da *contação*. Assim os visitantes entenderiam com outra visão a taça, principal símbolo do parque, além da lagoa dourada que segundo a lenda é o tesouro de *Tupã*.

O Parque Estadual de Vila Velha foi escolhido para esta proposta por conter a utilização de visita guiada e instruções antes da saída. O turista do parque sempre precisa ser orientado e, através da lenda, receberia mais informações sobre a localidade.

Com a variedade de expressões, cada grupo social toma a sua cultura como exclusiva e representada através de suas manifestações e conceitos. Essas manifestações podem ser expressas pelas histórias transmitidas oralmente, de forma que são um modo de expressar valores coletivos também. Os valores coletivos podem ser vistos nas lendas e casos de uma região quando transmitem sua ideia, ressaltando sua filosofia e identidade de grupo. A partir da continuidade de preservação de identidade, com suas lendas e casos, foram instituídas as propostas na cidade de Ponta Grossa através dos contadores de histórias e o do turismo que auxiliam na preservação e na continuidade da memória regional.

## **5 – Considerações finais**

A realização deste trabalho possibilitou a compreensão da tradição oral que se desencadeia nas lendas e causos e que caracterizam um determinado grupo. Esse tipo de tradição necessita ser preservada e através da atividade turística há possibilidade desta preservação. Assim, o turismo pode utilizá-la como uma forma de acrescentar uma maior identidade ao atrativo, tendo possibilidade memorável ao visitante.

O contador de histórias é capaz de fornecer ao visitante as memórias locais com a utilização de seu corpo e voz. Possibilita a valorização do local visitado, fornecendo uma maior abrangência perante a visão do visitante que não se limita somente a paisagem, mas interage com as histórias que o local fornece lhe dando uma emoção diferente percorrendo o mesmo local.

Através desta ideia, o contador de histórias contribuiu como um facilitador das informações dos atrativos turísticos de Ponta Grossa. Foram descritas duas propostas para a colaboração deste contador na região. A primeira proposta se constituiu em fornecer uma oficina aos guias de turismo para auxiliar nas visitas guiadas, possibilitando mais informações aos visitantes com auxílio das histórias locais e de sua voz. Enquanto, a segunda proposta tem a contribuição o contador nas dependências do Parque Estadual Vila Velha, transmitindo a lenda do local antes da visita guiada.

Com este trabalho foram recolhidos lendas e causos da cidade de Ponta Grossa em que foram retiradas de um livro em homenagem aos 152 anos da cidade e do site da prefeitura da cidade. Estas histórias tem uma descrição coloquial por fazerem parte da memória popular.

Com isso, pode-se obter a possibilidade de atuação do contador de histórias como facilitador na atividade turística na cidade de Ponta Grossa. Sendo este responsável pela transmissão, valorização e preservação das memórias locais.

## 6 - Referências:

ASSOCIAÇÃO BONITENSE DE HOTELARIA. Contação de História nas Águas de Bonito. Disponível em <<http://abhbonito.blogspot.com.br/2009/10/contacao-de-historias-no-aguas-de.html>> Acesso em 20/09/15 às 14:00

BAHIA. Quilombos de Cahoeira Divulgam Rota da Liberdade na Festa da Boa Morte, em Agosto. Disponível em <<http://bahia.com.br/noticias/quilombos-de-cachoeira-divulgam-rota-da-liberdade-na-festa-da-boa-morte-em-agost/>> Acesso 25/09/15 às 13:00.

BARROS, Souza. Arte, Folclore, Subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BATISTA, Gláucia Aparecida. Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular. Dissertação de mestrado. Universidade de Taubaté. Taubaté, 2007.

BATISTA, Cláudio Magalhães. Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. Caderno Virtual de Turismo, v.5, n.3, 2005.

BARZANO, Marcos Antonio Leandro. Griôs: A sabedoria dos velhos africanos na cidade de Lençóis/ BA. Ensino em Re-Vista (UFU. Impresso), v.1, p.179-198, 2009.

BAYARD, Jean-Pierre. *História das Lendas*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.

BEDIM, Bruno Pereira; Paula, Heber Eustáquio de. “Relatos Visitados”: história oral e pesquisa em turismo e hospitalidade. Considerações teórico-metodológicas. Rio de Janeiro: Caderno Virtual de Turismo. 2007. Vol.7. Nº 1

BRASIL. Ministério do Turismo. Gabinete do Ministro. Portaria nº27, de 30 de janeiro de 2014. Estabelece Requisitos e Critérios para o Exercício da Atividade de Guia de Turismo e dá outras Providências. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/legislacao/?p=117>> Acesso em: 18/01/16 às 22:23

BUENO, Giovana. A Mansão Vila Hilda e seu Potencial como Atrativo Turístico. 2002. 53 f. Ponta Grossa. Trabalho de conclusão, 2002.

CÂNDIDO, Virginia. QUESTIONARIO DE TURISMO VIRGINIA CÂNDIDO. Mensagem recebida por:< virginiaguaturismo@gmail.com> Em: 25/02/15 às 15:49:02

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 9.ed.rev.atual. INL/MEC, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1978.

CIGOLINI, Adilar. Paraná: quadro natural, transformações territoriais e economia. 2.ed. São Paulo: São Paulo: Saraiva, 2001.

CIRCUITO GUIMARÃES ROSA. Disponível em <[http://www.circuitoguimaraesrosa.com.br/novo/?page\\_id=254](http://www.circuitoguimaraesrosa.com.br/novo/?page_id=254)> Acesso em 18/09/15 às 21:00

COUTINHO, Ariella Rocha Borges . Ricco, Adriana Sartório. A Interpretação do Patrimônio Cultural no Ensino Fundamental e a Sensibilização para o turismo. Descarte. v.2, n.1, 2012.

DIARIO INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Rota do Café ganha Contadores de Histórias. Disponível em <<http://www.diarioinduscom.com/rota-do-cafe-ganha-contadores-de-historia/>> Acesso 26/09/15 às 11:06

DISTRITO FEDERAL, Câmara Legislativa. Contadores de Histórias Reivindicam Profissionalização. Disponível em <[http://www.cl.df.gov.br/ultimas-noticias/-/asset\\_publisher/IT0h/content/contadores-de-historias-reivindicam-profissionalizacao?redirect=http%3A%2F%2Fwww.cl.df.gov.br%2Finicio](http://www.cl.df.gov.br/ultimas-noticias/-/asset_publisher/IT0h/content/contadores-de-historias-reivindicam-profissionalizacao?redirect=http%3A%2F%2Fwww.cl.df.gov.br%2Finicio)> Acesso 22/06/15 às 20:30

FLECK, Felícia de Oliveira . O contador de histórias: uma nova profissão?. Encontros Bibli (UFSC) , v. 23, p. 1-12, 2007.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Festa do Sairé. Disponível em <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1038:festa-do-saire&catid=41:letra-f&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=1038:festa-do-saire&catid=41:letra-f&Itemid=1)> Acesso 02/10/15 às 16:15



G1, Nathalie Guimarães. Grupo que Une Lendas e Turismo se Apresentam em São João Del-Rei. Disponível em <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2013/09/grupo-que-une-lendas-e-turismo-se-apresenta-em-sao-joao-del-rei.html>> Acesso 25/09/15 às 18:55

G1. Em PE, Semana Nacional dos Museus tem Programação Intensa. Disponível em <<http://g1.globo.com/pe/noticia/2015/05/em-pe-semana-nacional-dos-museus-tem-programacao-intensa.html>> Acesso 25/09/15 às 19:12

GEERTZ, Clifford. A Interação das Culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1989.

HARTMANN, LUCIANA . Tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. Santa Catarina: PPGAS/ UFSC, 2004. Tese de Doutorado.

HOLZMANN, Guísela; SOARES, Olavo; REQUIÃO, Renato. Ponta Grossa: edição histórica. Ponta Grossa: 1975.

IBRAM. Exposições de Arte Contemporânea no Museu da República Ganham Livro. Disponível em <<https://www.museus.gov.br/tag/catete/>> Acesso 26/09/15 às 10:14

INSTITUTO VIRTUAL DE TURISMO. Nordeste. Disponível em <http://www.ivtrj.net/ivt/indice.aspx?pag=n&id=10522&cat=NORDESTE%20.%20Bahia&ws=0> Acesso em 20/09/15 às 13:50

JOHN, Nara Marlei. Identificação, Valorização e Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural. Rio Grande do Sul: XI Encontro Estadual de História (FURG). 23 a 27 de julho de 2012.

JORNAL A TRIBUNA. Prefeitura está Promovendo Projetos “Contadores de Histórias” Disponível em <<http://www.at.com.br/995/cultura.asp>> Acesso em 18/09/15 às 21:10

JORNAL DE LONDRINA. Contar Histórias Vira Profissão Requisitada. Disponível em <<http://www.jornaldelondrina.com.br/edicaoodia/conteudo.phtml?tl=1&id=1011159&tit=Contar-historias-vira-profissao-requisitada>> Acesso 2/06/15 às 13:22

JORNAL DO BRASIL. Mios Indígenas Motivam Contação de Histórias e Palestra na Caixa Cultura SP. Disponível em

<<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2015/09/20/mitos-indigenas-motivam-contacao-de-historias-e-palestra-na-caixa-cultural-sp/>> Acesso 26/09/15 às 09:55

KOKAY, Erika. Contadores de Histórias Celebram seu Dia na Câmara. Disponível em <<http://www.erikakokay.com.br/artigo/ver/id/3/titulo/contadores-de-historia-celebram-seu-dia-na-camara>> Acesso 22/06/15 às 21:52

KUPER, Adam. Cultura: uma visão dos antropólogos. São Paulo: Universidade do Sagrado Coração, 1999.

LIMA, Tânia; Nascimento, Izabel; Oliveira, Andrey. Griots – Culturas Africanas: linguagem, memória, imaginário. Natal:,Lucgraf, 2009.

LOSSIO, Rúbia A. R. . Lendas: Processo de Folkcomunicação. TPD Trabalho para discussão Fundação Joaquim Nabuco, Fundação Joaquim Nabuco, v. 1, p. 1, 2004.

MALTÊZ, Camila Rodrigues; Sobrinho,Cristiane Paula Corrêa; Bittencourt, Daphne Lorene Alves; Miranda, Kelly dos Reis; Martins, Lilian Nascimento; Castro, Magali. Educação e Patrimônio: o papel da escola na preservação e na valorização do patrimônio cultural. Belo Horizonte: Pedagogia em ação, v.2, n.2, p.1-117, Nov.2010.

MAPA DE DUBLIN. Pubs de Dublin: The Brazen Head. Disponível em <<http://mapadomundo.org/dublin/the-brazen-head/>> Acesso 26/09/15 às 15:16

MARTINS, Anne Bastos; Vieira, Gustamara Freitas. Turismo Patrimônio Cultural: possíveis elos entre identidade, memória e preservação. Juiz de Fora: Estação Científica, v.2, p.1-23 ,2006.

MEGALE, Nilza B. Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999. 4ed.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Segmentação do Turismo: marcos conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Turismo Cultural: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

MODERNA. 20 de Março: Dia do Contador de Histórias. Disponível em <<http://pnld.moderna.com.br/2012/03/20/20-de-marco-dia-do-contador-de-historias/>> Acesso 24/11/15 às 20:55

MONICA, Laura Della. Turismo e Folclore: um binômio a ser cultuado. 2°. ed. São Paulo: Global,2001.

MOURÃO, Alfredo (Org.). CAUSOS e lendas de Ponta Grossa: assombrações, bai-ta-tás, painéis de ouro: relatos do imaginário de nossa gente. Ponta Grossa: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2012.

MURGUIA, Eduardo Ismael; Yassuda, Silva Nathaly. Patrimônio Histórico-Cultural: critérios para tombamento de bibliotecas pelo IPHAN. Belo Horizonte: Perspectiva em Ciência da Informação, v.12, n.3, p.65-82, set./dez. 2007.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. Programação da Maratona Infantil. Disponível em <[http://www.mis-sp.org.br/icox/icox.php?mdl=mis&op=programacao\\_interna&id\\_event=1328](http://www.mis-sp.org.br/icox/icox.php?mdl=mis&op=programacao_interna&id_event=1328)> Acesso 26/09/15 às 10:31

OLIVEIRA, Kamilla Botelho; Fontes, Nayara Batista.O Contador de Histórias e suas Práticas – uma experiência extensionista na Universidade Federal de Viçosa. Revista da Pró-Reitoria da Reitoria da Extensão e Cultura-PROEXC: Rio de Janeiro, vol. 2. nº01, 104-155, jun. 2014.

PEREIRA, Niomar de Souza. Folclore: teorias-conceitos-campo de ação. São Paulo: Editora Nacional, 1986.

PINHEIRO, Cristiano Guedes; Bussoletti, Denise Marcos. Educação e Resistência na Prática das Narrativas Populares: A tradição griô. Caxias do Sul: IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

PINTO, Gabriela Baranowski;Paulo, Elisabeth de ;Silva, Thaisa Cristina da. Os Centros Culturais como Espaço de Lazer Comunitário: o caso de Belo Horizonte. CULTUR, ano 06. nº02. Jun/2012

PONTES, Cláudia de Almeida. Causos que a vida conta: estratégias narrativas no caso popular oral : um gênero mantenedor da cultura, das crenças e dos costumes. 2006. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras

PREFEITURA DE PONTA GROSSA. A Cidade. Disponível em <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/acidade>> Acesso 21 de março 18 de março de 2015 às 18:47

PREFEITURA DE PONTA GROSSA. Brasão. Disponível em <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/files/brasao-pmpg.png>> Acesso 22 de março de 2015 às 11:01

PREFEITURA DE PONTA GROSSA. Bandeira. Disponível em <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/files/bandeira-pmpg.png>> Acesso 22 de março de 2015 às 11:15

QUILOMBO CAMPINHO DA INDEPENDENCIA. Roteiro Etno-Ecológico. Disponível em <http://quilombocampinhodaindependencia.blogspot.com.br/p/turismo-d.html> Acesso 25/09/15 às 14:06

RAMOS, Jeanice Dias. Os Griôs como Mediadores da Memória Oral dos Afrodescendentes na Cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: Trabalho de Conclusão de Curso. 2011

RIBEIRO, Kelly Cristine. O Contador de História Tradicional: memória e esquecimento. VI ENECULT: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura: Salvador, 2010.

ROCHA. Thaíse de Sá Freire. Refletindo sobre Memória, Identidade e Patrimônio: as contribuições de programa de educação patrimonial do MAEA – UFJF. Mariana: XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG). 24 a 27 de julho de 2012.

RODRIGUES, Donizete. Patrimônio Cultural, Memória Social e Identidade: uma abordagem antropológica. Revista Ubimuseum, n.01, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2012.

RONCHI, Karinele. Pinto, Tamires Simões. Era uma vez... Experiências de Educação Patrimonial com Alunos do Magistério Através da Contação de Histórias. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.

ROS, José Pedro. Interpretação Ambiental e Ecoturismo de Base Local – A valorização do patrimônio nas memórias do Delta do Paraíba. Turismo: Estudos & Práticas, Mossoró/RN, vol. 3 ( número especial) 2014.

SALVADOR, Lilas Turismo. Os Roteiros Turísticos de Salvador da Bahia. Disponível em <http://www.lilasturismo.com.br/salvador.html> Acesso 25/09/15 às 18:22

SATRIANI, Luigi M. Lombardi. Antropologia Cultural e Análise da Cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.

SECRETARIA DO ESPORTE E DO TURISMO. Buraco do Padre – Ponta Grossa Disponível em <http://www.turismo.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=36&evento=21> Acesso 18/01/16 às 21:27

SEIXAS, Priscila. Passeios com Crianças em Curitiba: Contação de Histórias no Bosque do Alemão. Disponível em <http://viajocomfilhos.com.br/2014/10/passeios-com-criancas-em-curitiba-contacao-de-historias-bosque-alemao/> Acesso em 20/09/15 às 14:20

SETUR. Passeio de Barco Apresenta um Pantanal no Interior Paulista. Disponível em <http://www.setur.piracicaba.sp.gov.br/site/index.php/noticias/passeio-de-barco-apresenta-um-pantanal-no-interior-paulista-286> Acesso 26/09/15 às 15:27

SILVA, Maria Betty Coelho. Contar Histórias: uma arte sem idade. 8º . ed. São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, Juliana Lopes. Experimentações da cultura na educação: o caso da associação Grão de Luz e Griô. Salvador: V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2009.

TOMBA ECO TUR. City Tour em Ouro Preto. Disponível em <http://www.tombaecotur.com/#!city-tour-ouro-preto/ca8v> Acesso 26/09/15 às 14:01

TOMAZ, Paulo César. A Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil. Uberlândia: Fênix-Revista de História e Estudos Culturais. Maio/junho/julho/agosto de 2010. Vol. 7. Ano VII. Nº2.

TORRES, Shirley Milene; Tettamanzy, Ana Lúcia Liberato. Contação de Histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas Sessão Aberta: Porto Alegre, vol.4 n.1. Jan/jun 2008.

UOL VIAGEM. Buenos Aires Promove Roteiro Turísticos com Contação de Histórias e Apresentações Artísticas. Disponível em <<http://viagem.uol.com.br/noticias/2012/06/26/buenos-aires-promove-roteiros-turisticos-com-contacao-de-historias-e-apresentacoes-artisticas.htm>> Acesso em 18/09/15 às 20:15

## 7 – Apêndice

### APÊNDICE A – Questionário de Coleta de Dados

Nome: Virginia Cândido

1- Como foi sua trajetória para unir o turismo e a contação de história?

Comecei a aliar a minha atuação como Guia de Turismo com a Contação de História por causa dos acompanhamentos em trabalhos de campo com alunos do ensino fundamental, médio, e superior. Uma vez que as informações se tornam interessante e de forma mais prazerosa. Além de ser um pouco diferente de uma sala de aula, onde posso melhor contextualizar os conteúdos com interdisciplinaridade.

2- Qual a importância do contador de história para o turismo?

A bem da verdade, o Contador de Histórias é ancestral, presente no imaginário ao longo das gerações e da História Universal. Ele olha nos olhos das pessoas, usa vocabulário acessível ao entendimento de todos, independente de idade, condição social, credo, cor..... " A Humanidade precisa tanto de histórias quanto de pão".

"Somos mediadores da sociedade e utilizamos a palavra como o principal instrumento", diz um griot.

São os porta o porta-vozes da história e cultura das regiões onde as palavras contadas criam os valores e a identidade de um povo. "A palavra griot é uma denominação francesa criada pelo colonizador. Ou seja, " Griots, os guardiões da história oral"

Na tradição africana, são os griots não os livros, que transmitem a história de um povo ao longo dos tempos.

3- Teve dificuldade para implementar a ideia de unir os dois elementos?

Não tive a menor dificuldade. Nasci e vivi a minha infância e adolescência no meio dos causos, meu pai adorava contá-las, era um leitor contumaz. Minha mãe é um

Contadora de História inata,nos contou histórias na nossa infância e adolescência.e até hoje gosta de narrá-las para quem esteja disposto em ouvir.

4- Através de sua experiência, qual a visão do turista sobre a contação de história incluída com o turismo e o que ele acha da ideia?

Os turistas gostam das narrativas por esse viés mais encantador. Porém, não podemos nos ater o tempo todo apenas em "Contos Maravilhosos",pois há uma série de abordagens no contexto turístico para ser apresentado ao visitante.

5- As histórias contadas são de cultura popular (Lenda e mitos da própria região) ou existem outras referências?

As temáticas são bem variadas,desde de lendas,cultura popular,patrimônio imaterial e até contos da carochinha,assombrações,mitos,entre outros.

6- Qual a faixa etária do público que você guia com auxílio das histórias?

Todas as idades,de 0 a 100.

Até os bebês dentro das barrigas de suas mães,gostam e precisam de ouvir histórias.

7- Há outros guias que fazem a mesma junção do turismo a contação de histórias ? Poderia citá-los ?

Atualmente apenas eu.Embora tenha mais 2 pessoas,colegas que tiveram a mesma formação,porém no momento elas não estão trabalhando por causa de outros projetos e pesquisas.



8 –Qual foi sua maior referência para trabalhar com esse turismo juntamente com a contação?

O próprio mercado,a necessidade de fazer algo mais abrangente e mais encantador.

9 – Em sua opinião qual a diferença entre o mesmo atrativo turístico com e sem contadores de histórias ?

Veja bem,o Guia de Turismo não deixa de ser um Contador de Histórias,ele narra a história enquanto acontecimento real.Todavia o contador de história dá um colorido a mais na forma de apresentar esse atrativo.Nós enquanto Guias de Turismo exercemos uma profissão regulamentada por lei federal.Qualquer Guia de Turismo pode ser um Contador de Histórias,todavia um Contador de Histórias para ser um Guia de Turismo terá que se qualificar através de cursos de formação profissional reconhecido pelo Ministério do Turismo.Ou seja,ser habilitado.Já a formação de Contador de Histórias são realizados em cursos livres.Embora um dos cursos que fiz foi através de uma universidade que ofertou com curso de extensão universitária.

10 – Algo que acha importante para registrar nesse questionário sobre esse tema ?

O Contador De Histórias é aquele que traz o coração nas mãos.... como " .a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. "Walter Benjamin.

Não se pede ao contador um pedaço da vida cotidiana, mas um grande pedaço de sonho... como se a gente estivesse lá. "(Henri Verneuil)"

Sabemos que muitos contos de tradição oral tiveram a sua origem em ensinamentos religiosos. Cristo foi um exímio contador de histórias e suas parábolas podem ser encontradas no grande livro de cristianismo, a Bíblia.

Quem narra sempre coloca um pouco de si na narrativa. A narrativa nunca está sozinha. Ela vem sempre acompanhada pela vontade de narrar, pela experiência, pelo amor, pela habilidade e principalmente pelo segredo da tradição

Bem,mineiramente falando,me apropriando do universo rosiano uai!

Riobaldo é um narrador que se apropria dos silêncios para fazer falar o que é indizível. A leitura de Grande Sertão: Veredas,de João de Guimarães Rosa, que é cheia de pausas, solilóquios, uma linguagem que se realiza nas fugas. Considerado um grande contador de histórias, Riobaldo, fingindo deslizar da narratividade, completa-a, prendendo a atenção do leitor por exigir dele participação nos fatos narrados. São muitas as dúvidas que esse contador de histórias traz-nos, reticências e perguntas que são seguidas de aforismos que nos colocam em constante estado de perda. Ao falar da contação de histórias queremos falar dos silêncios que ela provoca no leitor e de como a cultura da escuta leva à ressignificação do texto, ampliando sua compreensão. A escuta da palavra é uma travessia que se constrói quando exercitamos o silêncio, o silêncio que está dentro de nós, e, talvez por isso, Riobaldo não se canse de repetir que “O sertão é dentro da gente”.

O Turista ao visitar um atrativo,ele escuta,ele vê,sente,fica meio que um personagem do grande escritor Guimarães Rosa,ele se sente que : " no meio do caminho tinha uma pedra..."

O que sente o turista.... Liberdade,como diz a música de João Bosco uai,...

Eu todo sonho.

É sempre um céu azul.

Em todo sonho.

É sempre um mar sem fim.

Só mesmo um louco.

Pra sonhar assim.

Sonha viver.

Em liberdade.

Meu canto é livre.

E a paixão sem fim.

O meu lugar.

É não mudar daqui.

Sei que meu sonho.

Vai viver por mim.

Mesmo que tarde.

A liberdade.

Luz da Matriz.

Somp a tpcar.

Luz das Mercês.

Luz do Pilar.

Gente a passar.

Gente a passar..

Gente a passar.

Gente a passar.